
Algumas considerações sobre as análises psicopatológicas na descrição do fenômeno percebido em *Fenomenologia da Percepção*, de Merleau-Ponty

Some considerations on psychopathological analyses in the description of the perceived phenomenon in Merleau-Ponty's *Phenomenology of Perception*

DOI: 10.12957/ek.2025.93752

Raphael Thomas Ferreira Mendes Pegden¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro

rtpegden@gmail.com

RESUMO

O presente artigo visa discutir as análises de psicopatologia presentes na obra *Fenomenologia da percepção* de Merleau-Ponty. Levando em consideração o fato de que não era do interesse do filósofo francês elaborar uma psicopatologia propriamente, cabe ao presente trabalho esclarecer o sentido e as motivações de Merleau-Ponty diante da análise de casos clínicos e estados mórbidos. Tal como será discutido ao longo do artigo, Merleau-Ponty buscou analisar, ao longo da obra, casos patológicos, tomando-os como ocasião para suspender determinados pressupostos das teorias psicológicas da percepção e mostrar, por meio de uma descrição fenomenológica, a dimensão originária de organização da experiência perceptiva na sua dimensão pré-reflexiva, marcada por uma ambiguidade originária. Assim, não se tratava tanto de apresentar uma teoria explicativa sobre as causas de determinadas condições patológicas; mas sim de tomar a própria patologia como caso para descrever, a partir dela, as estruturas fundamentais do ser-no-mundo.

Palavras-chave

Fenomenologia. Ambiguidade. Psicopatologia. Merleau-Ponty. Percepção.

ABSTRACT

This article aims to discuss the analyses of psychopathology present in Merleau-Ponty's *Phenomenology of Perception*. Taking into account the fact that it was not in the French philosopher's interest to elaborate a psychopathology per se, it is up to this work to clarify Merleau-Ponty's meaning and motivations in the analysis of clinical cases and morbid states. As will be discussed throughout the article, Merleau-Ponty sought to analyze pathological cases throughout his work, taking them as an opportunity to suspend certain assumptions of psychological theories of perception and to show, through a phenomenological description, the original dimension of the organization of perceptual experience in its pre-reflective dimension. Thus, it was not so much a matter of presenting an explanatory theory about the causes of certain pathological conditions, but rather of taking the pathology itself as a case to describe, from it, the fundamental structures of being-in-the-world.

Keywords

Phenomenology. Ambiguity. Psychopathology. Merleau-Ponty. Perception.

¹ Psicólogo formado pela UFRJ, mestre e doutor em filosofia pela UERJ, e doutor em psicologia pela UFF. Atualmente professor substituto do Instituto de Psicologia da UFRJ.

Introdução

Ao atentarmos para as primeiras publicações de Merleau-Ponty, não podemos deixar de notar a relevância que as pesquisas de psicologia assumiram para a sua filosofia. Tanto *A Estrutura do Comportamento* quanto *Fenomenologia da Percepção* tomam como ponto de partida uma avaliação crítica das teses sustentadas por determinadas teorias psicológicas. A relevância da análise dos textos de psicologia, tomados como ponto de partida, se justifica mais em função da possibilidade de sua ultrapassagem do que em função de sua ratificação. Desse modo, ao tomar como premissa as teses da psicologia, Merleau-Ponty não buscou, com isso, justificar uma filiação de seu pensamento às correntes psicológicas de seu tempo; o filósofo buscou, antes, mostrar de que modo essas teorias se encontravam assentadas sobre uma experiência que não era ela mesma tematizada pelos psicólogos: a experiência do ser-no-mundo.

Assim, a partir de uma avaliação crítica, o filósofo buscou reconduzir as pesquisas psicológicas até suas condições descritivas mais básicas de modo a validar ou refutar determinados postulados filosóficos pressupostos por essas teorias. Reconhecendo que tais postulados estavam enraizados em uma determinada concepção de subjetividade tributária do dualismo moderno, sua leitura iria partir de uma crítica à distinção sujeito-e-objeto para, a partir disso, considerar suas consequências para o desenvolvimento da própria psicologia. Afinal, “mergulhada em uma metafísica realista, campo de embates entre vitalismo e mecanicismo, a psicologia clássica se limitava a ser expressão de uma ‘ontologia do objeto’” (MARQUES, 2017, p. 217). Desse modo, seria possível apontar as limitações das teorias psicológicas do comportamento e da percepção a partir de uma consideração crítica acerca dos pressupostos ontológicos ingenuamente assumidos pela psicologia.

A oposição entre subjetivismo e objetivismo (que assume diferentes nomenclaturas ao longo da obra de Merleau-Ponty, como: fisicalismo e espiritualismo, intelectualismo e empirismo etc.) iria determinar duas perspectivas distintas que iriam orientar o tratamento teórico conduzido no âmbito da psicologia. Assim, as abordagens objetivistas iriam interpretar a existência humana e seus fenômenos relacionados a partir de modelos fisicalistas, elementaristas, associacionistas que tenderiam a reduzir a consciência e o comportamento ao nível de um objeto da natureza descrito segundo as leis nos fenômenos naturais. Conforme Merleau-Ponty, o pressuposto ontológico

sustentado por essa abordagem consistia em afirmar o princípio de causalidade como o critério de organização dos fenômenos a partir de relações mecânicas e deterministas. Já as abordagens subjetivistas tenderiam a considerar a consciência como um domínio privilegiado, distinto da natureza objetiva exterior e determinadas por leis próprias e constitutivas da própria experiência de mundo; porém, também determinada pelos princípios da causalidade (o que implicava em uma compreensão do fenômeno psíquico como algo que poderia ser analisado em suas partes discretas, faculdades, representações, sensações etc.). O dualismo expresso entre uma abordagem e outra se fez presente na psicologia a partir da oposição entre o “psíquico” e o “fisiológico”, entre o “mental” e o “orgânico”. Enquanto as teorias de orientação objetivista tenderiam a explicar o psíquico a partir da regularidade das leis fisiológicas e físico-químicas; as teorias subjetivistas tenderiam a afirmar uma autonomia do mental diante de suas condições fisiológicas. Merleau-Ponty iria criticar essa dicotomia, insistindo que, de um ponto de vista puramente descritivo, o dualismo deveria ser suspenso a partir de uma consideração global sobre a conduta perceptiva, tomada a partir de sua estrutura significativa enquanto fenômeno encarnado num mundo, como ser-no-mundo. A abordagem fenomenológica, apontada pelo autor, consistia basicamente em revogar as teorias do sujeito e do objeto para retornar à experiência perceptiva a partir daquilo que ela apresentava em si mesmo. Isto é:

Parece que haveria, da parte do filósofo, um movimento epistemológico consciente ao examinar cuidadosamente os trabalhos da psicologia moderna e considera-la juntamente com as filosofias de Husserl e Heidegger, uma das diversas possibilidades de superação de alguns impasses filosóficos herdados do pensamento clássico, no fundo, uma tentativa de superação do cordão sanitário criado tanto entre as noções de sujeito e objeto, filosofia e ciência, como as desventuras entre o vitalismo e o mecanicismo. (MARQUES, 2017, p. 215)

Em 1946, diante da *Sociedade Francesa de Filosofia*, Merleau-Ponty iria argumentar, não uma oposição entre o pensamento filosófico e o pensamento da psicologia; mas, antes, uma relação de cumplicidade mútua justificada a partir de sua revisão crítica. Nas suas palavras:

A psicologia como ciência não tem nada a temer de um retorno ao mundo percebido, nem de uma filosofia que tire as consequências desse retorno. Longe de ser nociva à psicologia, tal atitude extrai, ao contrário, a significação filosófica de suas descobertas. Pois não há duas verdades, não há uma psicologia indutiva e uma filosofia intuitiva. A

indução psicológica nunca é apenas o meio metódico para aperceber certa conduta típica, e se a indução encerra a intuição, inversamente a intuição não opera no vazio, ela se exerce nos fatos, nos materiais, nos fenômenos trazidos à luz do dia pela pesquisa científica. Não há dois saberes diferentes, mas dois graus diferentes de explicação do mesmo saber. A psicologia e a filosofia se nutrem dos mesmos fenômenos, apenas os problemas são mais formalizados no nível da filosofia. (MERLEAU-PONTY, 2015, p.48-49).

Podemos notar que havia na intenção do filósofo uma retomada do sentido da pesquisa científica a partir de uma consideração filosófica sobre aquilo que se dava no plano mesmo da experiência perceptiva. Assim, ao invés de focar em alguma teoria para explicar a existência humana (tal como acontecia com a psicologia), seria necessário, antes, retornar ao fenômeno da existência, a partir da descrição de sua própria experiência, não para explicá-la, mas para compreendê-la por dentro. E se a pesquisa científica podia se apresentar numa relação de cumplicidade com a indagação filosófica, isso se dava pelo fato de que, para Merleau-Ponty, não existiria uma oposição entre ambas. Afinal, tanto a ciência quanto a filosofia estariam direcionadas, ambas, para uma e mesma realidade, na qual seria possível retomar o pensamento da psicologia pela intuição filosófica da fenomenologia. Assim, o “retorno às coisas mesmas” não seria apenas uma retomada da pergunta pela constituição da experiência; mas ela seria, antes, a possibilidade mesma de apreender e compreender intuitivamente aquilo que as teorias da psicologia deturpavam com suas explicações objetivistas. É nesse sentido que podemos compreender o privilégio das diversas pesquisas psicológicas e análises psicopatológicas descritas ao longo de *Fenomenologia da percepção*: elas permitiam colocar em evidência questões filosóficas próprias à existência humana, questões estas que muitas vezes eram encobertas pelos pressupostos adotados de forma ingênua e dogmática na psicologia. Noutras palavras:

A uma fenomenologia da percepção interessa descrever essa experiência perceptiva; ocorre, porém, que os indícios de tal percepção trazidos por ontologias regionais como a psicologia, a psiquiatria, a neurologia, bem como da fisiologia parecem melhor se explicar no contraste com a experiência perceptiva originária. Desse modo, em *Fenomenologia da percepção*, quando se enfoca casos patológicos (para citar só alguns: as “anosognosias”, a “heutoscopia” e a “apractogonosia”), Merleau-Ponty se importa em considerar como essas podem nos dar a conhecer mais sobre a experiência não patológica da percepção. Ou seja, é por meio dos casos patológicos que o fenômeno da percepção se evidencia em seu caráter “normal”. (KAHLMAYER-MERTENS, 2017, p. 158)

Tais questões acabaram conduzindo Merleau-Ponty à análise existencial dos estados mórbidos: “O estudo de um caso patológico permitiu-nos, portanto, perceber um novo modo de análise – a análise existencial – que ultrapassa as alternativas clássicas entre o empirismo e o intelectualismo, entre a explicação e a reflexão” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.190). O objetivo do filósofo, contudo, não consistia em apresentar uma psicopatologia de base fenomenológico-existencial, mas sim, determinar, a partir da análise de experiências patológicas e normais, a estrutura pré-reflexiva da percepção enquanto contato com o mundo, enquanto modo de ser-no-mundo. Esse retorno ao pré-reflexivo representava, para Merleau-Ponty, o movimento fundamental da fenomenologia de *retornar às coisas mesmas*.

Assim, em sua obra *Fenomenologia da percepção*, além das referências explícitas à Husserl, Heidegger e Sartre, Merleau-Ponty pôde contar também com uma série de referências dos autores da psicopatologia e da psiquiatria de inspiração fenomenológica, como L. Binwanger, E. Minkowski, K. Jaspers e também os trabalhos do psiquiatra neurologista K. Goldstein. Tal como pretendemos ver, o filósofo francês buscou apontar as contradições da psicopatologia tradicional, oriundas de uma concepção de sujeito tributário do dualismo moderno, de modo a renovar seu campo de pesquisas à luz do método fenomenológico. Assim, suas análises permitiram abrir espaço para uma nova consideração acerca de muitos dos fenômenos tematizados no âmbito das ciências psicológicas. A análise das patologias da percepção oferecia novas perspectivas sobre os problemas filosóficos ligados à experiência consciente além de permitir compreender a experiência patológica sob um olhar diferente do daquele proposto pelo dualismo da psicopatologia tradicional.

Análises da experiência patológica em *Fenomenologia da Percepção*:

Seguindo as indicações da fenomenologia husserliana, as pesquisas conduzidas por Merleau-Ponty em sua obra *Fenomenologia da percepção* tinham por tarefa desdobrar a analítica intencional de modo a desvelar as articulações originárias do sentido dos fenômenos na experiência humana. No âmbito dessa tarefa, o filósofo francês buscou apresentar a noção de corpo fenomenal (ou corpo próprio) como a dimensão basal e pré-reflexiva de toda articulação intencional possível. Assim, diferente da noção de corpo-objeto (desdobrado pelas ciências biomédicas, pela psiquiatria e pela psicopatologia

tradicionais como *soma*), o corpo próprio seria um corpo anônimo e que estaria presente de modo irrefletido como fundo constituinte do próprio campo perceptivo. Logo, se a noção de consciência havia sido definida pela intencionalidade, e se a forma primeira da consciência era aquela da consciência perceptiva, então, segundo Merleau-Ponty a consciência perceptiva seria essencialmente uma intencionalidade corpórea. Desse modo, as análises do esquema motor e da cinestesia permitiram evidenciar a constituição de uma espacialidade e de uma temporalidade próprias às articulações corpóreas. Tratava-se da constatação de uma intencionalidade expressa como um “eu posso”, uma propriedade que não estaria remontada a um sujeito de pensamento, mas a uma capacidade fundada nas potencialidades intencionais prefiguradas que constituem o horizonte do agir e da própria percepção fundada nessa intenção motriz.

A partir da descrição do corpo próprio, Merleau-Ponty encontrou no “sensível” a relação fundamental entre o conhecer e o perceber. Diferentemente da tradição iluminista, que opôs a razão aos sentidos (racionalismo e empirismo) e que opôs o entendimento à intuição (idealismo transcendental), Merleau-Ponty iria compreender o conhecimento como uma atitude esposada com a percepção. Dessa forma, o autor buscou sustentar, com base na descrição fenomenológica da experiência perceptiva, que o conhecimento não deveria ser compreendido como um ato intelectual dissociado da estrutura corporal, mas sim como uma relação imediata com o mundo através do corpo. Isto é, o corpo, com sua motricidade, com sua intencionalidade original, realizaria um saber imediato que estaria dado na própria espacialidade corporal e que dispensava qualquer recurso ao entendimento ou à razão, tomadas enquanto categorias abstratas ou faculdades internas. A motricidade intencional do corpo próprio, em cada movimento que realiza em direção a algo situado em seu mundo circundante, descreve consigo um saber que permite situar e antecipar a relação com aquilo para o qual se projeta: se sento para escrever um texto no computador, meus dedos se deslocam de forma instantânea sem eu precisar refletir sobre a posição de cada tecla. Tudo se passa como se meu corpo já oferecesse um saber imediato sobre o objeto integrando-o à expressão da ação corporal. Trata-se de um saber irrefletido que se dá a partir da integração do objeto à espacialidade do próprio corpo, o “sujeito que aprende a datilografar integra o espaço do teclado ao seu espaço corporal” (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 201). A motricidade não é o “efeito” de um pensamento,

ela é a realização mesma da existência que se pronuncia intencionalmente como um “eu posso”. Isto é:

A motricidade não é como uma serva da consciência, que transporta o corpo ao ponto do espaço que nós previamente representamos. Para que possamos mover nosso corpo em direção a um objeto primeiramente é preciso que o objeto exista para ele, é preciso então que nosso corpo não pertença à região do “em si”. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 193)

O corpo não pode pertencer à região do “em si”, pois ele não é meramente um objeto, ele é um conjunto de possibilidades abertas ao mundo. O “eu posso” da intencionalidade motora não faz mais do que expressar essa abertura do corpo para o mundo em sua potencialidade, em seus esquemas corporais, intenções e vivências sensíveis. Dizíamos há pouco que a intencionalidade motora integrava na espacialidade do corpo próprio um saber do objeto que se efetuava no próprio movimento corporal pré-reflexivo. A realização deste “saber” se revelou para Merleau-Ponty a partir da análise do hábito: o hábito permite integrar o mundo num conjunto de articulações motoras que se realizam dispensando qualquer reflexão ou processo cognitivo abstrato. O hábito é aquilo que, não só integra o corpo ao mundo utensiliar de modo prático, como também realiza essa integração por meio de uma ação cujo conhecimento se dá de modo imediato e de forma pré-linguística. “Na verdade, ter um hábito é precisamente o que nos alivia de ter que pensar sobre a ação, e é também o que abre a possibilidade para que esse hábito se desenvolva em situações construídas de forma diferente que, no entanto, partilham o mesmo sentido” (LANDES, 2013, p.90-91). Segundo Merleau-Ponty:

O hábito exprime o poder que temos de dilatar nosso ser no mundo de mudar de existência anexando a nós novos instrumentos. (...) Trata-se de um saber que está nas mãos, que só se entrega ao esforço corporal e que não se pode traduzir por uma designação objetiva. O sujeito sabe onde estão as letras do teclado, assim como sabemos onde está um de nossos membros, por um saber de familiaridade que não nos oferece uma posição no espaço objetivo. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 199)

Poderíamos levantar a interrogação de como é que se realiza a “tradução” de uma experiência visual (leitura/escrita) num movimento motor (datilografar). Os signos do teclado não são representações. E a escrita que se constrói na tela do computador não são representações. Entre a minha compreensão visual da linguagem e a execução motora da escrita não há uma reflexão imposta pela faculdade do entendimento dotada da função de “guiar” e “motivar” a ação. A experiência de datilografar no teclado não se dá em dois

tempos (pensamento e ação). Ela se realiza, na realidade, a um só tempo, e de modo irrefletido. Segundo Merleau-Ponty, essa seria uma das principais funções do hábito na relação do corpo próprio com o mundo da vida: ele permite integrar num esquema fluido modalidades que a análise reflexiva tende a conceber de modo separado, ele permite integrar a modulação do espaço visível (as palavras) à modulação do espaço motor (a escrita) realizando a essência da motricidade numa estrutura visual. O hábito, enquanto realização de um saber do espaço encarnado, produz assim uma compreensão do mundo circundante, pois ele mobiliza e instaura novos conjuntos de significação a partir de uma atitude eminentemente prática dirigida ao mundo. Isso significa que “a aquisição do hábito é sim a apreensão de uma significação, mas é a apreensão motora de uma significação motora” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.198). Merleau-Ponty nos fala, a título de exemplo, da bengala de um cego: a bengala não se apresenta à experiência do sujeito como um utensílio que deveria “guiar” a sua ação; mas ela se integra ao corpo do sujeito como parte do seu membro que permite instaurar novas relações de sentido (como estrutura simultaneamente espacial (sentido como direção da ação) e semântica (sentido como significado da ação)). Ou seja, “habituar-se a um chapéu, a um automóvel ou a uma bengala é instalar-se neles ou, inversamente, fazê-los participar do caráter volumoso de nosso corpo próprio” (MERLEAU-PONTY, 2018, p.199). Mas se a percepção estaria assim estruturada nas intenções corpóreas, como seria possível explicar os fenômenos patológicos que envolviam uma experiência corporal lá onde o corpo não se fazia presente ou lá onde ele recusava a si mesmo, tal como nos casos dos membros fantasmas e de anosognosia?

A experiência do membro fantasma diz respeito aos casos em que um sujeito relata sentir a presença de um membro amputado, descrevendo sensações como as de dor, coceira, formigamento ou até mesmo a percepção de movimentos, como se o membro amputado ainda estivesse lá. A psicologia buscou descrever os fenômenos do membro fantasma como uma reorganização do córtex somatossensorial no cérebro, que continuaria a receber sinais nervosos do coto, interpretando-os como se o membro ainda estivesse presente junto ao corpo. Já a noção de anosognosia se refere à falta de consciência ou negação de uma deficiência ou condição médica, envolvendo a exclusão da percepção de um membro ou de uma do corpo por parte do sujeito. De forma semelhante ao caso dos membros fantasmas, a psicologia buscou descrever a “causa”

dessa condição com base na análise de lesões cerebrais em áreas específicas, como o lobo parietal direito, relacionado à integração de informações sensoriais e da consciência corporal. Contudo, o interesse de Merleau-Ponty não estava direcionado para a intenção de explicar uma causa fisiológica para essas condições patológicas; mas sim em compreender de que modo se constituía para o sujeito em sua experiência perceptiva algo que, por definição fisiológica, deveria ser “imperceptível”. Nesse aspecto, a descrição fenomenológica deveria revogar os modelos explicativos e descrever a experiência tal como ela se dava, na sua dimensão pré-objetiva. Isto é:

A anosognose e o membro fantasma não admitem nem uma explicação fisiológica, nem uma explicação psicológica, nem uma explicação mista, embora possam ser relacionados às duas séries de condições. Uma explicação fisiológica interpretaria a anosognose e o membro fantasma como a simples supressão ou a simples persistência das estimulações interoceptivas. Nessa hipótese, a anosognose é a ausência de um fragmento da representação do corpo que deveria ser dada, já que o membro correspondente está ali; o membro fantasma é a presença de uma parte da representação do corpo que não deveria ser dada, já que o membro correspondente não está ali. Se agora damos uma explicação psicológica dos fenômenos, o membro fantasma torna-se uma recordação, um juízo positivo ou uma percepção, a anosognose um esquecimento, um juízo negativo ou uma não-percepção. (...) Nos dois casos nós não saímos das categorias do mundo objetivo, em que não há meio-termo entre a presença e a ausência. (MERLEAU-PONTY, 2018, p.119 - 120)

De que modo seria então possível descrever as experiências patológicas do membro fantasma e da anosognosia a partir do procedimento fenomenológico? Conforme vimos, a experiência do corpo próprio apareceu para Merleau-Ponty a partir da descrição dos modos de uma organização espaço-temporal corpórea. Essa dimensão do ser-no-mundo seria pré-reflexiva, não podendo ser reduzida nem a uma determinação fisiológica, nem a uma determinação intelectual psicológica. Tratava-se de uma condição essencialmente ambígua da existência constituída num plano anterior às concepções objetivistas e subjetivistas. Essa dimensão ambígua da existência pré-reflexiva determinaria as condições de possibilidade da nossa relação com o mundo. Assim, na experiência do espaço, poderíamos considerar uma espacialidade objetiva (que diz respeito à geografia da paisagem e às determinações físicas e geométricas que se impõem ao meu corpo) e uma espacialidade subjetiva (que diz respeito à proximidade e à distância que vivenciamos a partir de certas disposições afetivas e simbólicas; como no caso de um

sujeito que, por sofrer de saudade, se encontra “distante” do seu mundo circundante atual). A articulação entre esses espaços, objetivo e subjetivo, diria respeito aos esquemas corporais e aos hábitos corpóreos cuja função, conforme comentamos, consistiria em esposar e sincronizar ambos. A experiência psicopatológica, por sua vez, diria respeito aos momentos de desestruturação dessa articulação entre o objetivo e o subjetivo e à reorganização da experiência corporal a partir de um aumento hiperbólico das potencialidades do espaço subjetivo sobre o espaço objetivo. A experiência do corpo fantasma permitia evidenciar essa discrepância no nível do corpo vivido (corpo próprio que não se confunde com o corpo fisiológico nem com a representação psíquica da imagem corporal). Merleau-Ponty buscou se utilizar da noção de “recalque orgânico” para indicar a relação entre o “psíquico” e o “físico” nesse nível pré-reflexivo de onde emerge a experiência patológica:

Para descrever a crença no membro fantasma e a recusa da mutilação, os autores falam de uma "repressão" ou de um "recalque orgânico". Esses termos pouco cartesianos obrigam-nos a formar a ideia de um pensamento orgânico pelo qual a relação entre o "psíquico" e o "físico" se tornaria concebível. Já encontramos alhures, com as substituições, fenômenos que ultrapassam a alternativa entre o psíquico e o fisiológico, entre a finalidade expressa e o mecanismo. (MERLEAU-PONTY, 2018, p.117)

A noção de “recalque orgânico” foi proposta pelo neurologista e psicanalista Paul Ferdinand Schilder. Este buscou integrar as teorias psicanalíticas ao campo da psiquiatria a partir de uma síntese entre a psicossomática de Carl Wernicke’s, a teoria corporal de Henry Head’s e algumas concepções da teoria do aparelho psíquico de Sigmund Freud, de modo a conceber uma teoria própria sobre o papel da imagem corporal do ser humano na sua relação consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Na sua obra *Das Körperschema* apresentou a noção de “recalque orgânico” nos seguintes termos:

Atribuo grande importância a esta formulação. Quando uso o termo “recalque orgânico”, desejo enfatizar que estamos preocupados com um fenômeno que, num nível estrutural, repete o que acontece em outras repressões no chamado nível puramente psíquico. Essa repressão orgânica focal, bem como o recalque orgânico, geralmente carrega consigo atitudes psíquicas que são parcialmente idênticas ao recalque psíquico. Este fenômeno baseia-se na profunda comunidade entre a vida psíquica e a função orgânica. Toda mudança na função orgânica é suscetível de trazer consigo mecanismos psíquicos que são semelhantes a esta função orgânica. E esta reflexão na esfera psíquica nos ajudará a

compreender a essência da função orgânica. (SCHILDER, 2007, p. 32-33).

Merleau-Ponty fez uso deste conceito para elaborar uma compreensão descritivo fenomenológica do membro fantasma. Contudo, enquanto podemos notar na teoria de Schilder um paralelismo implícito por meio do qual era pressuposto uma ultrapassagem da dicotomia corpo-e-mente, no pensamento de Merleau-Ponty, por sua vez, podemos testemunhar uma compreensão do “recalque orgânico” a partir da noção de ser-no-mundo, fazendo dele, não um fenômeno fisiológico, mas sim uma experiência essencialmente afetiva:

se se recoloca a emoção no ser no mundo, compreende-se que ela possa estar na origem do membro fantasma. Estar emocionado é achar-se engajado em uma situação que não se consegue enfrentar e que todavia não se quer abandonar. Antes de aceitar o fracasso ou voltar atrás, o sujeito, nesse impasse existencial, faz voar em pedaços o mundo objetivo que lhe barra o caminho e procura, em atos mágicos, uma satisfação simbólica. (MERLEAU-PONTY, 2018, p.127)

O recalque orgânico diria respeito ao modo pelo qual o ser humano se revelaria sensível ao mundo, emocionando-se diante das experiências de presença e ausência que seu corpo seria capaz de revelar e acusa a partir de suas atitudes práticas no mundo circundante. O recalque, assim, não diria respeito apenas a um jogo de oposição entre ausência e presença do corpo objetivo, mas sim de uma ausência pela presença (anosognosia) e de uma presença pela ausência (membro fantasma). Essas possibilidades de articulação entre o presente e o ausente estariam fundadas no corpo próprio a partir de sua ambiguidade originária. Cabe lembrar que nosso corpo se “faz ausente” na maioria das atitudes cotidianas: um sujeito que caminha apressado na rua “se esquece” de seus pés e torna a lembrar deles apenas quando tropeça. O corpo próprio é assim permeado por regiões de silêncio e por uma capacidade expressiva de evocar a si mesmo como um presente-ausente ou como um ausente-presente. Uma experiência como a do membro fantasma ou da anosognosia só se revelavam possíveis, pois o corpo próprio já traz consigo essa ambiguidade originária sob a qual se funda a experiência patológica. A articulação entre ausência e presença se justifica assim a partir da constatação de que, em sua ambiguidade fundamental, o corpo próprio traz consigo a possibilidade de um saber que “se nega” e se uma negação que “se sabe”. Eis o paradoxo da condição patológica:

Só compreendemos a ausência ou a morte de um amigo no momento em que esperamos dele uma resposta e sentimos que ela não existirá mais; por isso, primeiramente evitamos interrogar para não ter de perceber esse silêncio; nós nos desviamos das regiões de nossa vida em que poderíamos encontrar esse nada, mas isso significa que nós as adivinhamos. Da mesma forma, o anosagnóstico põe fora de jogo seu braço paralisado para não ter de experimentar sua perda, mas isso significa que ele tem dela um saber pré-consciente. (MERLEAU-PONTY, 2018, p.120).

O amputado sente sua perna, assim como posso sentir vivamente a existência de um amigo que todavia não está diante de mim; ele não a perdeu porque continua a contar com ela, assim como Proust pode constatar a morte de sua avó sem perder-la ainda, já que ele a conserva no horizonte de sua vida. O braço fantasma não é uma representação do braço, mas a presença ambivalente de um braço. A recusa da mutilação no caso do membro fantasma ou a recusa da deficiência na anosagnose não são decisões deliberadas, não se passam no plano da consciência tética. (MERLEAU-PONTY, 2018, p.121)

Vimos anteriormente que o corpo próprio tendia a uma organização proprioceptiva a partir da estruturação de esquemas motores e de hábitos. Cabe agora compreender esse jogo da ambiguidade do corpo próprio a partir das noções já exploradas. Segundo Merleau-Ponty, a experiência patológica diria respeito a uma desorganização do corpo habitual com o corpo atual. Essa desarticulação implicaria na constituição das regiões de silêncio no corpo, por meio das quais se tornaria possível ao sujeito ignorar aquilo que se sabe pré-reflexivamente para não ter de lidar com a ausência de um membro no momento mesmo em que a ausência se faz presente pela incapacidade de realização de uma determinada ação:

No momento mesmo em que meu mundo costumeiro suscita em mim intenções habituais, não posso mais, se sou amputado, juntar-me efetivamente a ele, os objetos manejáveis, justamente enquanto se apresentam como manejáveis, interrogam uma mão que não tenho mais. Assim, no conjunto de meu corpo se delimitam regiões de silêncio. Portanto, o doente sabe de sua perda justamente enquanto a ignora, e ele a ignora justamente enquanto a conhece. Esse paradoxo é o de todo ser no mundo: dirigindo-me para um mundo, esmago minhas intenções perceptivas e minhas intenções práticas em objetos que finalmente me aparecem como anteriores e exteriores a elas, e que todavia só existem para mim enquanto suscitam pensamentos e vontades em mim. No caso que nos ocupa, a ambiguidade do saber se reduz ao fato de que nosso corpo comporta como que duas camadas distintas, a do corpo habitual e a do corpo atual. (MERLEAU-PONTY, 2018, p.122)

Destarte, Merleau-Ponty buscou compreender a experiência do membro fantasma a partir da dessincronia entre o hábito corporal e o corpo atual. Isto é, haveria uma sobreposição do hábito corporal sobre o corpo atual, indicando assim o preenchimento de uma “região de silêncio do corpo” (membro amputado) por uma forma de organização que seria pré-reflexiva e que tenderia a se impor ao ser-no-mundo mediante as articulações espaciais de seu mundo circundante: a presença de uma caneca solicita do sujeito certa manualidade que existe enquanto hábito corporal, mas que não se faz presente enquanto atualidade corporal. A ausência dessa atualidade corresponderia a dita região de silêncio que seria preenchida pelo hábito corpóreo; mas na ausência do corpo atual, o hábito corporal se realizaria, não como uma ação concreta, mas como “fantasma” (articulação da vivência de uma experiência a partir de uma experiência que não se realiza; ou melhor, que se realiza apenas virtualmente). Assim, a experiência do membro fantasma não seria descrita por Merleau-Ponty como a reminiscência de uma memória projetada enquanto imagem sobre o coto; ele seria, por excelência, uma presença habitual sobre uma ausência atual:

O braço fantasma não é uma rememoração, ele é um quase-presente, o mutilado o sente atualmente dobrado sobre seu peito sem nenhum índice de passado. Nós não podemos mais supor que um braço em imagem, errando através da consciência, veio assentar-se no coto: pois então ele não seria um "fantasma", mas uma percepção renascente. É preciso que o braço fantasma seja este mesmo braço dilacerado por estilhaços de obus e cujo invólucro invisível queimou ou apodreceu em algum lugar, e que vem assombrar o corpo presente sem confundir se com ele. O braço fantasma é, portanto, como a experiência recalcada, um antigo presente que não se decide a tornar-se passado. As recordações que se evocam diante do amputado induzem um membro fantasma, não como no associacionismo uma imagem chama uma outra imagem, mas porque toda recordação reabre o tempo perdido e nos convida a retomar a situação que ele evoca. (MERLEAU-PONTY, 2018, p.127)

O que foi dito sobre o membro fantasma continuaria válido para a compreensão descritiva da anosognosia. Ambas as experiências patológicas permitiam acusar a dimensão da intencionalidade como aquilo que se projeta sobre o mundo, para além das determinações do corpo objetivo, revelando esse fundo anônimo por meio do qual se realiza a experiência (normal ou patológica). Esse “fundo”, que traria consigo todas as potências (virtuais e concretas, possíveis e efetivadas) de realização intencional, seria ele mesmo o corpo próprio e os fenômenos do membro fantasma e da anosognosia permitiam,

assim, evidenciar esse nível de corporeidade que, apesar de não ser compatível com os modelos explicativos do corpo objetivo, era, ainda assim, vivido pelo sujeito no âmbito de suas experiências fáticas. A intenção de Merleau-Ponty não consistia em mostrar de que modo o fenômeno patológico seria um fenômeno “ilusório” e “equivocado”; mas sim investigar de que modo um fenômeno, mesmo não sendo “real”, se realizava no plano da vivência como uma experiência vivida. Não se trata de argumentar que a experiência patológica seria uma experiência “equivocada” e “errada”, mas sim investigar de que modo esse “erro” se realizava na percepção enquanto uma experiência perceptiva. Compreende-se assim que a experiência patológica não representaria para Merleau-Ponty um “desvio” em relação à estrutura do corpo próprio, mas representaria antes uma radicalização de uma ou outra de suas modulações e potencialidades. Tanto as atividades ditas “normais” quanto as “patológicas” diriam respeito a diferentes modos de organização da experiência do corpo próprio.

Outro caso singular analisado por Merleau-Ponty ao longo de *Fenomenologia da Percepção* foi o caso Schneider, analisado e tratado pelos psiquiatras Goldstein e Gelb. O caso Schneider diz respeito a um sobrevivente de guerra que sofreu uma lesão no lobo occipital do cérebro, uma região atribuída à função de processamento das informações visuais, tais como: a diferenciação das cores e tons, a compreensão discriminatória dos tamanhos dos objetos e suas distâncias, reconhecimento e nomeação de imagens e objetos, associação de dados imagéticos ao pensamento conceitual etc. O diagnóstico inicial recebido por Schneider foi o de “cegueira psíquica”, uma condição neurológica em que o sujeito perde a capacidade de formular abstratamente imagens e operar com conceitos. Contudo, pouco tempo depois, o diagnóstico ampliou-se, passando a incluir também as noções de “agnosia”, “distúrbios de inteligência” e “distúrbios motores”. Afinal, segundo os relatos do paciente, o caso evidenciava que não se tratava apenas de uma alteração nas experiências visuais, mas sim de uma modificação de várias outras áreas da vida, como a motricidade, a memória, a sexualidade e a percepção - diferentes funções relacionadas a outras regiões que não haviam sido afetadas pela lesão de guerra. Isto é, a lesão de Schneider não envolvia apenas a perda de um determinado processo associado à codificação dos dados visuais, mas envolvia uma modificação estrutural de diversas funções associadas ao seu comportamento de forma global. Nesse aspecto, o caso clínico tratado por Goldstein e Gelb servia de referência para Merleau-Ponty criticar

a crença num localizacionismo unívoco; pois apontava para uma modificação de variadas funções que não necessariamente estavam vinculadas à área lesionada.

A tese sustentada por Merleau-Ponty contra o localizacionismo estrito consistia em argumentar que a lesão teria modificado, não um conteúdo do comportamento do paciente, mas sim a estrutura global de suas relações funcionais. Essa crítica não representava também uma negação da correspondência entre o sintoma e a localização da lesão no corpo, ela visava antes a inconsistência de querer sustentar uma relação pontual e unívoca entre ambas. Segundo o filósofo, a relação não seria linear, pontual e unívoca, mas sim estrutural: a lesão implicaria na modificação de determinadas funções que provocaria uma mudança global e estrutural no modo como o sujeito tenderia a agir no mundo. Dessa forma, uma lesão numa região atribuída aos processos visuais acabava por modificar também processos linguísticos, cognitivos, motores e até a sexualidade do sujeito etc. Ou seja:

Merleau-Ponty leva em consideração, a partir dos estudos de Gelb e Goldstein, que o reconhecimento de que o lugar das lesões determina o ponto de aplicação principal das perturbações de estrutura e sua distribuição preferencial. Ou seja, o fato de negar a teoria clássica das localizações não significa aceitar que o funcionamento nervoso se dá de forma difusa e desordenada. Segundo Merleau-Ponty (1999), é claro que lesões situadas em locais diferenciados não conduzem ao mesmo quadro de sintomas, o que significa que o local da lesão tem uma significação essencial na constituição de um quadro determinado de sintomas. Porém, admitir uma especialização das regiões cerebrais não eliminaria a relação dessas regiões com o conjunto. Nesse sentido, Merleau-Ponty acredita que se poderia admitir, como Gelb e Goldstein, que as regiões não são especializadas na recepção de certos conteúdos, mas na sua estruturação. (SOARES, 2022, p.92-93)

Ou seja, a crítica de Merleau-Ponty estava direcionada principalmente à lógica da causalidade linear e unívoca sustentada pelo localizacionismo estrito. Segundo o filósofo, tratava-se de uma relação de conjunto total, em que a emergência dos sintomas produzidos pela lesão estaria relacionada a uma reorganização global do paciente como forma de adaptação das condutas após a lesão. Assim, o interesse de Merleau-Ponty não consistia em negar pura e simplesmente a hipótese localizacionista⁶⁷; mas sim em mostrar como essa tese se encontrava embasada em um postulado (o da causalidade linear e unívoca) que, além de ser insuficiente para a compreensão de casos patológicos complexos, era também desmentido por determinadas experiências clínicas, tal como aquela testemunhada pelo caso Schneider. Segundo Goldstein, Schneider não havia

perdido por completo a capacidade de processar imagens, pois, apelando-se para determinados subterfúgios, ainda era capaz de realizar determinadas funções que em tese deveriam ter sido suprimidas de seu repertório. Mesmo que não fosse capaz de reconhecer a imagem de um nariz, por exemplo; o paciente era capaz de identificá-lo, estendendo seu indicador e levando-o até a ponta de seu nariz em seu rosto, caso lhe fosse solicitado. E mesmo que não fosse capaz de nomear os números, era capaz de realizar cálculos simples recorrendo aos dedos das mãos. Segundo Goldstein, o que poderia ser observado no caso descrito, não era a perda de conteúdos imagéticos, mas sim a perda de determinadas funções abstratas, nomeadas por Goldstein como “atitude categorial”.⁶⁸ Essa atitude categorial diria respeito à capacidade do ser humano em poder se referir, em suas atividades cotidianas, a um campo virtual essencialmente simbólico que se estenderia para além dos dados concretos presentes. No caso de Schneider, o paciente não era capaz de realizar abstrações, mantendo-se preso à ordem das coisas concretas presentes à vista. Esse caso se revelava especialmente interessante para Merleau-Ponty pelo fato de que, além de evidenciar as contradições em uma crença irrestrita no postulado do localizacionismo unívoco, ele apontava também para essa dimensão abstrata (atitude categorial) que não poderia ser corretamente descrita ou compreendida pelo modelo mecanicista da teoria do reflexo. Pois envolvia uma ordem do comportamento que não estaria situado na dimensão dos efeitos causados por estímulos concretos. Assim, compreendia-se que deveria existir na organização do comportamento humano algo que não poderia ser reduzido a meras estimulações imediatas, algo que deveria se projetar para além do concreto e em direção a um campo de virtualidades. E segundo Merleau-Ponty, seria justamente a perda dessa articulação com o virtual que teria provocado em Schneider uma modificação estrutural global de suas ações, afetando assim, não só o processamento de imagens, mas também toda sua conduta, incluindo simultaneamente sua linguagem, sua memória, seu erotismo e sua motricidade.

Segundo Merleau-Ponty, a diferença entre uma atitude concreta e uma atitude categorial evidenciada pelo caso Schneider, permitia pôr em relevo uma distinção entre aquilo que seria da ordem de um “movimento concreto” e aquilo que diria respeito a um “movimento abstrato”. O movimento concreto diria respeito a um movimento “centrípeto”, um movimento que busca apreender os elementos do mundo circundante trazendo-os para perto de si. Trata-se de um movimento que se expressa nas relações

concretas e se projeta para o que se encontra presente à vista e disponível ao corpo. Como exemplo de movimento concreto, podemos apontar o caso de “pegar” um objeto. Já o movimento abstrato diz respeito a um movimento “centrífugo” que projeta para além de si um conjunto de significações virtuais que implicam um saber articulatório com a circunvizinhança do mundo. Como exemplo de movimento abstrato, podemos apontar o caso de “acenar” ou “indicar” algo com o corpo. O caso Schneider dizia respeito a uma situação peculiar em que o paciente não era capaz de realizar movimentos abstratos, limitando-se ao universo dos movimentos concretos.

Mas o caso se revelou especialmente interessante para Merleau-Ponty, pois permitia evidenciar uma diferença entre um saber intelectual e um saber essencialmente prático, motor e pré-reflexivo. Essa diferença, por sua vez, serviu de indicação para mostrar que haveria um saber que estaria fundado na estrutura motriz da corporeidade, que seria anterior ao saber teórico fornecido por meio da abstração. Afinal, segundo Merleau-Ponty, o movimento concreto permitiria expressar um saber que seria irrefletido e imediato, imanente ao próprio movimento que o corpo realiza em direção ao mundo: o ato de apreender uma caneca, por exemplo, expressaria consigo um saber imediato sobre o objeto “caneca” que dispensaria qualquer representação ou elaboração cognitiva. O próprio ato de apreender uma caneca já expressaria um saber sobre esse objeto enquanto caneca. Esse saber antecipado pelo movimento concreto realizaria, assim, a apreensão de uma significação motora (um sentido que se apreende sobre o objeto a partir de uma ação concreta que se realiza sobre ele). Já o movimento abstrato expressaria consigo um saber que se orientaria a partir de referências visuais e virtuais. Ele diria respeito a uma conduta que buscaria se projetar para além da estrutura imediatamente dada presente à vista e disponível ao corpo para se lançar em direção ao conjunto de virtualidades apreendidas na percepção visual essencial para a orientação da conduta. Assim, o ato de “sinalizar algo” com a mão anteciparia uma compreensão que não estaria realizada com o próprio ato de sinalizar, mas que dependeria de uma remissão de seu movimento à circunvizinhança do mundo. Isto é, antes de poder esticar o dedo e apontá-lo em direção ao objeto solicitado, a situação solicitaria um saber prévio do sujeito para que ele conseguisse primeiro identificar tal objeto para depois apontá-lo. Trata-se de um saber que se refere a uma significação intelectual indispensável para orientar o sentido da ação do movimento, fazendo dele um movimento abstrato. O caso Schneider permitia

evidenciar uma dessincronia entre “movimento abstrato” e “movimento concreto”. Assim, quando o médico pedia para Schneider apontar com o dedo um determinado objeto, apesar de ele compreender o que era tal objeto, ele não conseguia realizar a ação de “indicação”, pois não conseguia “traduzir” a significação intelectual do objeto para uma significação motora (que se realiza no corpo quando ele apreende aquele objeto). Ele sabia o que significava “caneca”, mas não conseguia apontá-la. Em compensação, quando vários objetos eram dispostos em uma mesa diante dele, ele conseguia, a partir de uma conduta tátil exploratória, passar a mão sobre eles até reconhecer qual deles era o objeto “caneca”. Trata-se de um saber que se realizaria a partir da conduta essencialmente corporal.

Não se tratava apenas da ausência de um pensamento abstrato; mas sim da ausência da possibilidade no sujeito em traduzir esse saber abstrato em condutas corporais. O que o movimento abstrato, como no caso de “apontar”, permitia evidenciar, era a sincronia entre um movimento corporal e uma intelecção conceitual. Mas era justamente essa experiência que se fazia ausente em Schneider. Contudo, cabe destacar que, ao invés de querer discutir uma “causa” fisiológica ou cognitiva para esse caso, o interesse de Merleau-Ponty estava justamente em poder evidenciar a estrutura de um saber, exposto a partir dos movimentos concretos, que seria essencialmente corpóreo e anterior ao conhecimento abstrato. Isto é:

A análise clássica da percepção distingue nela os dados sensíveis e a significação que eles recebem de um ato de entendimento. Deste ponto de vista, os distúrbios da percepção só poderiam ser deficiências sensoriais ou distúrbios gnósticos. O caso Schneider mostra-nos, ao contrário, deficiências que concernem à junção entre a sensibilidade e a significação e que revelam o condicionalmente existencial de uma e de outra. (MERLEAU-PONTY, 2018, p. 183).

O caso Schneider permitia pôr em evidência a existência de um saber fundado a partir da motricidade corporal, destacando assim a existência daquilo que o filósofo havia buscado conceituar sob o título de intencionalidade motora. E uma vez que esse saber estaria fundado nas condutas corporais, eles ajudavam a evidenciar também o fato de que existiria uma dimensão da espacialidade que estaria ela mesma fundada no corpo próprio.

O ganho filosófico que a análise desses casos patológicos permitiu representar para Merleau-Ponty significou a possibilidade de desvelar uma dimensão fundamental de articulação de sentido e conhecimento que não seria meramente intelectual, mas sim

prática e motora. Diferentemente da tradição filosófica ocidental, que sempre opôs a razão teórica à experiência prática ou o entendimento abstrato à intuição sensível, Merleau-Ponty iria compreender o conhecimento como uma atitude esposada com a percepção. Assim, as análises patológicas permitiam mostrar uma relação imanente entre conhecimento e corporeidade de tal modo que, uma perturbação da estrutura de organização do corpo próprio implicaria necessariamente na desorganização da experiência do mundo percebido.

Considerações finais

A relação entre a motricidade, espacialidade, saber e compreensão nas descrições fenomenológicas de Merleau-Ponty apontava para o distanciamento em relação às concepções clássicas que, sob diferentes aspectos, dissociavam a experiência humana nos seus aspectos subjetivos ou objetivos, afirmando um dos polos em detrimento da supressão do outro. Isto é, a atitude naturalista da psicologia e da psicopatologia tradicionais buscava principalmente dissociar as ambiguidades fundamentais do corpo próprio diluindo-as em análises que ora priorizavam as relações causais ora as funções constituintes. Desse modo, as análises dos casos patológicos explorados por Merleau-Ponty permitiram evidenciar a presença dessa ambiguidade fundamental como elemento fundamental da constituição da própria experiência (vislumbrada, por exemplo, no descompasso entre o corpo habitual e o corpo atual, no descompasso entre o movimento concreto e o movimento abstrato ou no exemplo das experiências alucinatórias). Assim, não caberia à fenomenologia buscar uma solução para a ambiguidade da experiência em modelos teóricos e explicativos. As abordagens empiristas e intelectualistas, ao invés de compreenderem tais experiências a partir do sentido que era possível extrair delas, buscavam antes mutilá-las em virtude de uma teoria comprometida com os pressupostos teóricos derivados do dualismo moderno. Daí a tendência do dualismo em querer “solucionar” o paradoxo da percepção a partir de um movimento que acabava por deformar a experiência priorizando ora o objeto ora o sujeito. Contudo, a descrição fenomenológica de Merleau-Ponty, conforme vimos, buscava retornar ao *Logos* em “estado nascente” da percepção, mostrando que não só essas ambiguidades se faziam presente na percepção, como elas também pareciam conviver entre si no interior da própria experiência, constituindo geneticamente a própria percepção.

Se por um lado a crítica à psicologia permitia evidenciar as contradições entre os postulados naturalistas tributários do dualismo, por outro lado, as considerações de Merleau-Ponty sobre os casos de psicopatologia permitiram reconsiderar também o sentido da experiência humana (fosse ela dada no nível da “normalidade” ou da “doença”) a partir de uma dimensão que estaria situada num plano anterior às classificações objetivistas e subjetivistas. Assim, a análise das patologias da percepção permitia lançar nova luz sobre os problemas filosóficos atribuídos à constituição da experiência consciente e simultaneamente, compreender a experiência patológica a partir de uma perspectiva distinta daquela sustentada pelo dualismo presente na psicopatologia tradicional.

Acrescenta-se ainda que o conceito de ambiguidade ocupa uma posição central na *Fenomenologia da Percepção*, constituindo o princípio a partir do qual o autor interpreta tanto a experiência perceptiva quanto os casos de psicopatologia analisados ao longo da obra.

Em oposição às explicações mecanicistas e intelectualistas, Merleau-Ponty demonstra que os fenômenos psicológicos não podem ser reduzidos a relações causais lineares, pois expressam uma reorganização global da existência encarnada, evidenciando que a consciência, o corpo e o mundo constituem uma unidade dinâmica e indissociável, na qual toda experiência permanece marcada por uma abertura de significações. Assim, a ambiguidade não representa uma deficiência do conhecimento, mas a própria condição ontológica da experiência humana, permitindo compreender a psicopatologia como uma modificação das estruturas de sentido que organizam a relação entre o sujeito e o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KAHLMAYER-MERTENS, Roberto. Merleau-Ponty na interface de Husserl, Scheler e Heidegger: um ensaio de aproximação ao tema da psicologia fenomenológica. In: *Merleau-Ponty e a psicologia*. Org: Iraquitán de Oliveira Caminha e André Joffily Abath, São Paulo: Liber Ars, 2017.

LANDES, Donald. *Merleau-Ponty's Dictionary*. London & New York: Bloomsbury Publishing Plc, 2013.

MARQUES, Rodrigo Vieira. O não-lugar do comportamento na filosofia de Merleau-Ponty. In: *Merleau-Ponty e a psicologia*. Org: Iraquitán de Oliveira Caminha e André Joffily Abath, São Paulo: Liber Ars, 2017.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Ed: WMF Martins Fontes, 2018.

_____. *A Estrutura do Comportamento*, São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

_____. *O primado da percepção e suas consequências filosóficas*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

SCHILDER, Paul. *The Image and Appearance of the Human Body*, Ed. Routledge, 2007.

SOARES, Edvaldo. *Merleau-Ponty e a filosofia das neurociências: o problema da localização de funções cerebrais*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022.

Recebido em: 26/08/2025 | Aprovado em: 19/12/2025